

SIMPOSIO TEMÁTICO 9
COMPLEXIDADE, METÁFORA E REPRESENTAÇÃO NA
CONCEPTUALIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Coordenadores:

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Pelosi - UFC/UNISC

Prof.^a Dr.^a Fernanda Cavalcanti - UERJ

22/08/2017 – TERÇA-FEIRA

15:30 – 17:30

7212 - METÁFORA E REPRESENTAÇÃO NA CONCEPTUALIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Ana Cristina Pelosi (UNISC)

Nesta apresentação, enfocamos a conceptualização de violência sob a ótica da complexidade. Desse modo, metáforas e metonímias sobre violência são entendidas como emergências situadas, temporárias e provisórias que se instauram no discurso de vítimas a partir de fatores internos e externos aos participantes da interação discursiva. Ademais, em consonância com a conceptualização de violência e metáfora aqui defendidas, apresentamos uma noção de representação corpórea socioculturalmente situada do conceito de violência que se adequa e evolui ao longo do tempo, uma engrama capaz de dar conta da fluidez associada a formas de se perceber e conceptualizar o fenômeno.

Palavras-chave: Conceptualização de violência. Discurso. Metáfora. Metonímia. Representação

7235 - A EMPATIA DE ESQUIZOFRÊNICOS POR MEIO DA CATEGORIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PEDIDO DE ALTA MÉDICA

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos (UFC)

Kaline Girão Jamison (UNILAB)

Davi de Menezes Rebouças (UECE)

Este estudo apresenta uma análise da empatia de pessoas com esquizofrenia, em surto psicótico, a partir da categorização da violência e do pedido de alta médica. Há estudos que defendem a tese de que os esquizofrênicos sofrem de uma incapacidade de empatia, a qual é basicamente uma inabilidade de se identificarem com os outros e de adotarem os pontos de vista de outrem. Essa

inabilidade, segundo Caffi (2007), é manifestada por meio do uso inadequado da atenuação. Analisamos as conversas de seis pacientes do Hospital Myra Y Lopes, de Fortaleza, Ceará, durante o período de internamento. Adotamos como aporte teórico básico os postulados de Caffi (2007), Rosch, Simpson, Miller (1976b), Varela, Thompson, Rosch (2003), Volker (2001), Leech (1983) entre outros. Como resultado, constatamos que as pessoas com esquizofrenia usam a figuratividade e a máxima da simpatia de Leech como estratégia de empatia. Dependendo do nível de gravidade do surto, eles não são alienados aos acontecimentos e às significações ideológicas, nem aos eventos sociais e culturais que envolvem o outro. Detectamos que eles são empáticos, quando desejam ser, como é o caso do pedido de alta médica, e que as estratégias e modos de se colocar no lugar do outro não são dotadas de valor absoluto. Em outros termos, são empáticos e jogam com a linguagem como qualquer pessoa não esquizofrênica.

Palavras-chave: Empatia. Esquizofrênico. Categorização. Violência. Alta Médica.

7285 - A IDEOLOGIA RACISTA E AS EXPERIÊNCIAS CORPÓREAS NA CONCEPTUALIZAÇÃO DA ESCURIDÃO

Solange Coelho Vereza (UFF)

As tendências recentes nos estudos de metáforas têm explorado as dimensões culturais e ideológicas da conceptualização da experiência e da sua realização linguística no discurso (Underhill, 2013). Nesta perspectiva, o racismo, uma forma de violência, tem sido abordado como a força ideológica subjacente à emergência de uma metáfora conceptual superordenada, MAL É ESCURIDÃO, e outras mais específicas, como DIFÍCIL É ESCURO, O MAL É ESCURO e IGNORANTE É ESCURO. Dessa forma, a associação metonímica ideologicamente motivada pela cor da pele e a discriminação histórica e economicamente motivada contra afrodescendentes promoveriam a associação metafórica entre noções abstratas negativas e a escuridão, em particular a sua cor prototípica: o preto. Isso daria origem ao que Paiva (1998) chamou “metáforas negras”, ou seja, expressões linguísticas metafóricas, muito frequentes no português brasileiro, que, segundo a autora, evocariam e, ao mesmo tempo, perpetuariam o racismo. O objetivo deste trabalho é investigar esta hipótese a partir de dados recentes retirados das redes sociais, em articulação a uma outra hipótese, que tem como base a experiência sensorio-motora com o fenômeno físico da escuridão. Essa hipótese é explorada através de uma investigação das metáforas negras encontradas em corpora gerais e em textos bíblicos. A conclusão da análise não contradiz a visão de que as metáforas negras são expressões de uma ideologia racista, promotora de violência. Contudo, levanta outra possibilidade de conceptualização, que, baseada na corporeidade, articula-se à primeira hipótese, evidenciando a natureza tanto social quanto corpórea da construção do sentido.

Palavras-chave: Metáfora. Escuridão. Corporeidade. Cognição corporificada. Ideologia.

5937 - A METÁFORA CONCEITUAL POLÍTICA É GUERRA COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NO PROCESSO DE IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA

Pedro Jorge da Silva Marques (UFC)
Maria Elias Soares (UFC)
Maria Hermínia Cordeiro Vieira (UERJ)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a metáfora conceitual POLÍTICA É GUERRA em artigos de opinião e editoriais, concentrando-se, principalmente, na perspectiva da Linguística Cognitiva, fundamentada no paradigma do experiencialismo corpóreo, surgido mais precisamente nos anos 80, com os autores Lakoff e Johnson na Califórnia, os quais defendem que as metáforas e metonímias são um fenômeno da interação do sistema conceptual humano com a experiência cotidiana, cujo reflexo se dá na linguagem, incorporando a abordagem da teoria da argumentação com base em KOCH (2002; 2016) e FIORIN (2016). Para isso, investigam-se as expressões licenciadas pela metáfora supracitada utilizadas pelos autores dos gêneros em questão, cuja temática abordada é o processo de impeachment da presidente Dilma, e como elas atuam na criação de argumentos convincente, utilizadas como uma ferramenta de persuasão. Para atender aos nossos objetivos, foram selecionados artigos de opinião e editoriais de vários jornais em diferentes regiões do país. Por meio deste estudo, almeja-se chegar à conclusão de que as metáforas conceituais são uma excelente estratégia argumentativa, prestando-se aos mais diversos fins, como a adesão do interlocutor ao ponto de vista, à ideia ou à ideologia defendidos.

Palavras-chave: Metáfora conceitual. Argumentação. Impeachment.

7197 - CORRUPÇÃO E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

João Paulo Rodrigues de Lima (FAFIDAM – UECE)

Os conceitos que permeiam o discurso emergem de forma dinâmica, caótica e complexa, adaptando-se às necessidades contextuais e sócio culturais. Conforme Larsen-Freeman e Cameron (2008), a emergência de metáforas significa uma estabilidade temporária no discurso, resultante da interação entre diversos agentes: pragmáticos, sociais, culturais, históricos e cognitivos. Por vezes, uma categoria conceitual como VIOLÊNCIA, por exemplo, frequentemente entendida como o alvo para a emergência metafórica, pode se tornar fonte quando se trata da emergência de novos conceitos. A fim de descrever esta dinamicidade cognitivo-discursiva entre conceitos que antes eram alvos e se tornaram fontes, esta pesquisa se propõe verificar se o conceito-alvo CORRUPÇÃO, no discurso do Ministério Público Federal, pode ser entendido em termos de VIOLÊNCIA, agora como fonte. Foram analisados 12 artigos de opinião disponíveis no site do próprio Ministério Público Federal, tendo como autores seus procuradores participantes da operação “Lava Jato” da Polícia Federal (a qual tem uma enorme repercussão no país e já se estende por mais de três anos). A identificação dos veículos metafóricos seguiu as definições de Cameron e Maslen (2010). Este

trabalho também utilizou o concordanciador Antconc 3.4.3 (2014) e o software Graphcoll 1.0.0 (2015), para a análise de frequência de token e de conectividade com os termos associados à CORRUPÇÃO. A metáfora sistemática mais recorrente foi CORRUPÇÃO É UM INIMIGO VIOLENTO, sustentada pelos veículos metafóricos “combater a corrupção”, “atacar os males”, “enfrentar a adversa realidade”, “a corrupção mata” etc. O discurso não só revela os conceitos, mas também é arena para a construção dos mesmos e forma as opiniões dos interlocutores.

Palavras-chave: Metáfora Sistemática. Veículos Metafóricos. Corrupção. Violência.

7281 –“ESCURIDÃO” E “LUZ”: SENTIDOS DA RESISTÊNCIA NA POESIA DRUMMONDIANA

Mariane Pereira Rocha (UFPel)
Aulus Mandagará Martins (UFPel)

Mesmo (ou principalmente) em tempos obscuros, a resistência se faz presente. Didi-Huberman (2011), inspirado na obra de Pasolini, vai comparar essa resistência aos “vagalumes”, com suas luzes intermitentes, visíveis apenas àqueles que buscam as ver. Nesta comunicação, analisamos de que forma a obra *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, dialoga com esse conceito do filósofo francês, explorando as imagens de “escuridão” e “luz” nos poemas que a compõem. Para isso, nossa análise literária leva em conta, além das reflexões de Didi-Huberman, conceitos de Walter Benjamin (1991) e Theodor Adorno (1998). Os resultados, ainda preliminares, mostram que, embora como apontado por Benjamin “as ações da experiência estão em baixa” (1996, p. 114), a poesia drummondiana parece mostrar que os “vagalumes”, ou seja, o povo que resiste e transforma seu cotidiano violento diário em experiências transmissíveis, se encontra ainda vivo e presente, sendo a poesia por si só um próprio “lampejo vagalumenesco”, o que podemos observar através de poemas metalinguísticos do poeta, como “A procura da poesia” e “Nosso tempo”. Dessa forma, nossa análise vai de encontro às observações de Didi-Huberman (2011) quando esse aponta que, se vivemos em uma sociedade “pobre de experiências” cabe somente a nós fazermos dessa “semi-escuridão”, em si, uma experiência.

Palavras-chave: Resistência. Metáfora. Poesia. Drummond. Experiência.

7181 - A CONCEPTUALIZAÇÃO DOS ÓRGÃOS SEXUAIS E IDENTIDADE DE GÊNERO: TABU E PRECONCEITO

Em pesquisa realizada para o mestrado (FREITAS, 2017), observaram-se os processos cognitivos que subjazem à construção de sentidos de piadas com emprego de nomes populares dados à vulva e ao pênis. Os dados, analisados fundamentalmente sob a ótica da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHSON, 1980) e da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), demonstram depreciação nos nomes dados à vulva em oposição aos nomes dados a pênis. Verificou-se, com base nesses dados, que o acionamento do conhecimento convencionalizado dos falantes relativo a determinadas partes do corpo perpassa pelo âmbito do tabu linguístico (ULLMANN, 1966; GUÉRIOS, 1979). Nesse sentido, existem formas de contornar a restrição vocabular, utilizando-se de comparações que se pautam, predominantemente, em relações vitais de representação e analogia (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Além disso, constatou-se que, para contornar a restrição vocabular moralmente estabelecida, são ativadas metáforas conceptuais gerais dos tipos pessoa é objeto, (parte do) corpo humano é objeto, pessoa é animal, (parte do) corpo humano é animal e (parte do corpo da) pessoa é planta, que viabilizam metáforas conceptuais mais específicas, tais como pênis é objeto ereto e rijo, pênis é objeto cilíndrico e reto, pênis é ave, vulva é objeto curvo, vulva é matagal e vulva é receptáculo do pênis. Pretende-se, com este trabalho intitulado “A conceptualização dos órgãos sexuais e identidade de gênero: tabu e preconceito”, investigar a conceptualização dos nomes dados à vulva sob a perspectiva da construção da identidade de gênero, levando-se em consideração os valores culturais e experienciais da sociedade carioca - tendo em vista que os dados foram levantados junto a grupos focais com participantes residentes na cidade do Rio de Janeiro – subjacentes - a essas metáforas do pensamento e, conseqüentemente, a tais designações de valor reduzido.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Metáfora. Órgão sexual. Preconceito. Tabuísmo.

7537 - EVITAR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE NA MANIFESTAÇÃO DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

Monica Fontenelle Carneiro (UFMA)

Muitas são as conseqüências da escalada da violência na vida dos cidadãos e estas tornam esse fenômeno uma das grandes preocupações de governos e sociedades no mundo atual. Com seus altos índices crescendo ainda mais a cada dia, a situação é muito grave. Isso tem motivado estudiosos das mais diversas

áreas da atividade humana a desenvolver investigações sobre a violência nas suas várias formas. Nesta pesquisa, nosso objetivo foi analisar a violência urbana mais silenciosa: a doméstica que tem mulheres, como vítimas frequentes. Com base no arcabouço teórico da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, abordagem proposta por Cameron (2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; e CAMERON; MASLEN, 2010) e da Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980,1999) e seus refinamentos, buscamos compreender como a metáfora sistemática, uma construção colaborativa de vítimas de violência doméstica, favorece a expressão de suas ideias e sentimentos sobre esse fenômeno, fornecendo dados que possam auxiliar na melhoria de políticas e medidas direcionadas para a redução significativa dos seus atuais índices. No tocante aos aspectos metodológicos desta pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, ressaltamos que seu corpus constituiu-se da transcrição da fala de seis vítimas dessa violência que participaram do encontro de um grupo focal na casa abrigo onde se encontravam. Os dados analisados e os resultados obtidos apontaram para a emergência de metáforas sistemáticas, tais como EVITAR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE (discutida neste recorte), que revelam suas ideias e sentimentos sobre a violência doméstica por elas vivenciada.

Palavras-chave: Análise do Discurso à Luz da Metáfora. Metáfora Sistemática. Violência.

7306 - IDENTIDADES COGNITIVAS E CULTURAIS NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA SOB A ÓTICA DA COMPLEXIDADE

Patricia Teles Alvaro (IFRJ)

A presente pesquisa abarca a análise de processos cognitivos subjacentes aos discursos de mulheres vítimas de violência doméstica. O cenário das relações de gênero ergue-se sob um lastro de violência contra a mulher em meio à herança da hegemonia do patriarcado opressor. Nessa composição da violência de gênero, habitam bases cognitivas – MCIS (Modelos Cognitivos Idealizados, Lakoff:1987)- instanciados a partir de Frames superficiais e Frames profundos (Lakoff:2006), que fundamentam papéis sócio-culturais do ser mulher e do ser homem projetados nas construções discursivas desses sujeitos. Nesse contexto, as expressões identitárias manifestam a representação de papéis linguístico-cognitivos sobre a conceptualização da relação de gênero, cujos modelos repetem-se histórico-culturalmente instaurados através de Compressão e Mesclagem (Fauconnier&Turner:2002) de modelos arraigados. Esse processo de Compressão e Mesclagem constitui uma memória cognitivo-cultural comportamental dos sujeitos (Alvaro:2016), podendo contribuir para a naturalização da violência. Na perspectiva conexionista alinhada à complexidade, lançamos mão da tese da Corporificação da mente e ressaltamos que a violência experimentada no corpo projeta-se cognitiva, emocional e linguisticamente numa rede interativa de funcionamento sistêmico. Dessa forma, para esse estudo, os

conceitos de MCI, Frame, Mesclagem, Compressão, Metáfora cognitiva e Corporificação da mente constituem um arcabouço teórico que nos permite descrever modelos mentais e culturais relativos às categorias e papéis do ser mulher e do ser homem no que diz respeito à conceptualização e bases cognitivas e culturais da violência de gênero.

Palavras-chave: Identidades. Violência. Gênero. Cognição. Conexionismo.

7193 - O AUTORITARISMO NO COTEJO ENTRE AS PEÇAS A BILHA QUEBRADA E A PELE DE CASTOR

Sabrina Siqueira (UFSM)
Roberta Santurio (UFSM)
Rosani Ketzer Umbach (UFSM)

Este trabalho é um estudo do autoritarismo por parte das instituições aplicadoras da lei nos espaços dramatizados nas peças A bilha quebrada e A pele de castor, respectivamente dos escritores alemães Heinrich Von Kleist e Gerhart Hauptmann. As duas comédias foram escritas no início do século XIX, período que sucede a Guerra Franco-Prussiana e no qual o território que hoje configura a Alemanha encontrava-se dividido e sob domínio político-administrativo da Prússia. Os textos focalizam questões consideradas desconfortáveis e carentes de reflexão na opinião dos escritores, como a hipocrisia social, o desmantelamento das instituições governamentais em territórios que ainda não compunham nações soberanas, o descaso das autoridades para com localidades menores e os vícios da população. A metodologia enfoca a análise literária e a revisão bibliográfica, principalmente dos autores Norberto Bobbio e Pierre Bourdieu no que se referem a violência e poder, e Norbert Elias sobre o processo civilizatório e de obediência. As duas peças dialogam entre si pelo interesse dos autores em promover um olhar crítico sobre seus contextos sociais. Nos dois textos é possível uma interpretação de crítica à ineficiência do sistema judiciário em localidades menores e à cegueira conveniente das autoridades, que só trabalham pelos interesses próprios e reservam uma atitude autoritarista a comunidades pequenas e empobrecidas.

Palavras-chave: Autoritarismo. Crítica Social. Literatura Comparada. Violência.

7327 - SERÁ QUE DIFICULDADE É MESMO PESO?

Emerson Gonzaga dos Santos (UFC)
Ana Cristina Pelosi (UNISC/UFC)

Segundo Grady (1997), as Metáforas Primárias (MPs) seriam de base neural e se constituiriam pelo processo de aprendizagem e coativação entre domínios de naturezas diversas (perceptual/conceptual). Constituir-se-iam a partir de experiências humanas corpóreas de caráter universal e das respectivas respostas cognitivas a essas experiências. Logo, teriam caráter universal. Entretanto, estudos psicolinguísticos realizados no campo da Linguística Cognitiva sugerem

que tanto aspectos corporificados como fatores sócio-culturais parecem influenciar a constituição dessa metáfora. Logo, diferentemente do que propôs Grady (1997), tais metáforas não seriam originadas unicamente de interações corpóreas no mundo, mas também de fatores sócio-culturais. Para testar tal hipótese e com o intuito de obter uma visão mais aprofundada do status cognitivo da metáfora “Dificuldade é peso”, aplicamos dois experimentos de cunho psicolinguístico a 30 participantes frequentadores de academia de musculação entre 18 a 25 anos. Os resultados indicam que dificuldades são associadas a pesos quando o corpo está em foco. Por outro lado, quando se trata experiências de aspectos sócio-culturais com pesos, tal relacionamento é enfraquecido. Logo, podemos concluir que apesar de uma possível coativação de domínio perceptual / conceptual em um nível neural, os construtos mentais das pessoas para a metáfora sob análise irá abranger informação de uma variedade de aspectos idiossincráticos, psicológicos também como de crenças compartilhadas sócio e culturalmente. Com base nos achados, levantamos como hipótese de trabalho para pesquisa futura, que, até mesmo conceitos ligados ao fenômeno da violência não sejam necessariamente sempre conceptualizados como algo negativo, podendo haver situações em que danos infringidos sobre o outro possam ser aceitos com resignação ou mesmo como trampolim para a superação.

Palavras-chave: Metáfora primária. Conceptualização de violência. Experiências corpóreas.